

## CIBERESPAÇO E CORPO GORDO DE HOMENS GAYS COMO POSSIBILIDADE DE ESTUDO NO CAMPO GEOGRÁFICO

### *Eixo Temático 15 – Formas de Viver e Desejar na Arte e na Geografia: Perspectivas para pensar Corpo, Gênero e Sexualidade*

Diego Miranda Nunes <sup>1</sup>  
Thaís Gomes Torres <sup>2</sup>

#### RESUMO

O estudo em questão versa sobre a necessidade de visibilizar estudos que tenham como enfoque o ciberespaço e corpo gordo de homens gays na ciência geográfica. Assim, fazemos um resgate do que estamos entendendo por corpo, necessitando ir em outros campos do conhecimento. Além disso, utilizamos como caminhos metodológicos levantamentos bibliográficos, pesquisas no Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e dados empíricos. Por fim, compreendemos que é um desafio aos/as pesquisadores/as estudar o corpo atrelado ao ciberespaço, nos alicerçando nas Geografias Feministas e das Sexualidades, sem a pretensão de esgotar o tema em questão.

**Palavras-chave:** Corpo; Ciberespaço, Geografia das Sexualidades.

#### INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico, com início no século XX, trouxe diversas contribuições para a sociedade. Em 1945, surgiram os primeiros computadores nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo ponto de partida à ascensão informacional. Do pós-guerra ao século XXI, as formas de comunicação e expressão nos relacionamentos afetivo-sexuais também mudaram, passou-se de cartas apaixonadas e longos telefonemas para uma explosão de aplicativos, fazendo com que os sujeitos fossem atravessados por essa onda tecnológica e, por vezes, condicionados a viver nesses espaços virtuais de forma imperativa.

Fazer *check-in*, marcar pessoas em fotos, realizar compras pela internet, ter diversos grupos sociais em espaços virtuais, possuir uma pluralidade de aplicativos, tudo isso são apenas alguns traços da sociedade contemporânea, cada vez mais plugada e sem

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, [dnunesgeo@email.com](mailto:dnunesgeo@email.com);

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, [thaisturis@email.com](mailto:thaisturis@email.com);

fiu e menos conectada ao mundo do espaço físico. A tecnologia E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO atravessaram gerações, ligando desde as pessoas mais novas à terceira idade. Os nativos e/ou imigrantes digitais estão agora preocupados com seus *smartphones*, ainda de manhã já são acordados pelo alarme do celular, aproveitam para ver a temperatura e se atualizam das principais notícias do dia, antes mesmo de saírem da cama. Os imigrantes digitais precisaram adaptar-se ao novo modo de se relacionar, também em termos afetivos, agora em rede e conectados. A geração nascida ainda no século XX não vivenciou de forma tão imperativa a onda tecnológica como os nascidos a partir dos anos 2000. Percebe-se que nas últimas décadas a experiência afetiva *online* ocupou um espaço no qual as pessoas não são percebidas pelo que são, mas pelo que comunicam ser nas redes.

Neste sentido, nossa fundamentação teórica encontra respaldo inicial no trecho da música de Preta Gil, *Sou Como Sou*: “Tem que ser branco, tem que ser alto, tem que ser magro [...] Tem que ser sábio, tem que ser hétero, tem que ter cabelo, tem que ter carro do ano [...] Tem que ser malhado, tem que ser católico, tem que ser bem-dotado, e nada de cabelo branco [...]”. Ao começar por esses fragmentos, sinalizamos alguns marcadores, os quais são vistos como “ideais” na sociedade contemporânea. A valorização de um corpo regulado pela norma e de masculinidades hegemônicas são marcos que valorizam a matriz heterossexual. E, na era das mídias sociais, alguns corpos são hipervalorizados em detrimento de outros, e os modelos padronizados impostos são refletidos nos diferentes espaços, sejam eles off-line ou online.

Para Goellner (2003), pensar sobre a produção dos corpos atravessados pela cultura moderna é um desafio para os/as pesquisadores/as, porém, um exercício importante a ser realizado. O corpo é histórico, produto de uma construção social, que apresenta marcas no espaço e no tempo. Assim, o espaço é produzido por sujeitos que não são neutros, é o produto de corpos interpelados por marcadores como gênero, raça, etnia e geração.

Segundo Goellner (2003), o corpo é muito mais do que aquilo que vemos, ele é produto da linguagem. Desse modo, é importante refletir sobre os espaços, pois, para a autora, esses educam os corpos e deixam marcas que nele são incorporados. Sustentando o pensando de Goellner (2003), para Miskolci (2014, p. 65), “é necessário sublinhar que a sociabilidade mediada passou a ser ainda mais moldada pelo mercado capitalista, suas

mensagens e modelos comportamentais, pois as novas mídias são intrinsecamente comerciais”.

Com isso, deparamo-nos com o corpo gordo, no qual segundo os padrões impostos socialmente por uma sociedade da espetacularização de corpos magros e sarados, é tido como inadequado e o sujeito gordo é excluído desses grupos sociais. Para Miskolci (2006, p. 685), isso “gera subjetividades autodestrutivas em sua busca de adequação a qualquer custo. Em alguns casos, o medo da rejeição supera até mesmo o desejo de sobreviver”. Então, a procura por procedimentos médicos como cirurgias plásticas e dietas milagrosas são vistas como uma solução radical para conseguir um corpo ideal e assim superar as fronteiras da ordem social. De acordo com o mesmo autor, “a busca da felicidade por meios voltados à adequação corporal baseia-se em uma dicotomia de exclusão e inclusão” (p. 685). Ou seja, a felicidade externa está diretamente ligada ao corpo ideal e a inclusão seria ultrapassar a barreira do feio e do disforme, na qual, por muitas vezes, deixa o interior do sujeito esvaziado e sem sentido para atender um modelo de exibicionismo de corpos.

Couto (2005) afere que as novas tecnologias impactam diretamente no processo e na vontade de mudanças corporais e, nesse sentido, exclui-se a ideia de qualquer imperfeição sobre o corpo a partir da emergência das tecnologias. tanto que o corpo não conseguido através de métodos invasivos como cirurgias plásticas e dietas pode ser maquiado através de recursos como *photoshop* e editores de imagens. Todavia, afirma o autor, “o culto ao corpo se tornou um estilo de vida, mas de uma vida tecnocientífica. A promessa fascinante de um ganho suplementar de saúde, juventude e beleza conquistou um espaço [...] na mídia, em todas as esferas do nosso cotidiano” (COUTO, 2005, p. 3). Para ele, esse corpo inacabado está sempre disposto a aumentar seus níveis performáticos, atendendo as novas demandas de prazer e padrões. Os aplicativos funcionam como vitrines dos corpos, visando a mercantilização do sexo e do amor, beirando as fronteiras da descartabilidade e liquidez entre um sexo rápido e um relacionamento frágil e volátil.

Para nos ajudar a pensar o corpo, trazemos o campo das Geografias Feministas e das Sexualidades, nos quais os estudos sobre o corpo, nos últimos anos, vêm ganhando cada vez mais visibilidade. Uma vez que o objeto de estudo da geografia é o espaço, ele resulta de uma série de marcadores sociais de gênero, raça, etnia, geração, os quais tensionam as dimensões da vida. Assim, refletir sobre o corpo gordo, implica compreender que, na ciência geográfica, existem poucos estudos concluídos e alguns

ainda em andamento, sendo necessário outros atravessamentos de leituras, pesquisas e bibliografias. Como afirmam Silva et al. (2013),

Apesar de a vertente feminista da Geografia centrar suas análises na categoria de gênero, durante várias décadas não houve uma vinculação deste enfoque com o corpo. Foi apenas no final do século XX e início do século XXI que o corpo passou a ser alvo de um exame minucioso no campo da Geografia, juntamente com as demais ciências sociais (SILVA *et al.*, 2013, p. 87).

Assim, Judith Butler, apesar de ser filósofa, é uma grande referência nos estudos de gênero na Geografia, principalmente a partir dos anos 2000. Nesse período, a ciência geográfica começa a contestar alguns “conceitos fixos”, e assim coloca o corpo na centralidade do debate geográfico.

Neste sentido, o corpo passa a ter um olhar geográfico somente no século XXI, mesmo entendendo que a produção espacial é atravessada pela produção dos corpos, mas que por muito tempo foi negado para uma análise mais minuciosa do espaço. Na geografia, o corpo começa a ser discutido então com a vertente feminista, até então o mesmo era tido como algo fixo e estático.

Como afirmam Silva *et al.* (2013, p. 91), “o corpo foi um elemento de difícil interpretação na teoria feminista porque as diferenças físicas e materiais dos corpos de mulheres e homens pareciam constituir um fato evidente e natural”. Com isso, o corpo não é algo estático, a partir das ideias de Michel Foucault, o corpo é espaço de poder, tensionamentos e também de subversão, as quais constituem práticas que irão compor os sentidos da existência corporal em determinados espaços.

Pensar o corpo a partir das Geografias Feministas e das Sexualidades nos permite compreender novas configurações espaciais. O corpo está sempre em constante transformação, assim como os espaços em que vivemos, nesse sentido, alguns corpos são dotados de privilégios e outros, em determinadas dimensões da vida, acabam perdendo tais privilégios a partir das suas posicionalidades e marcadores. Vejamos que as nossas posicionalidades implicam abrir mão de privilégios e, assim, vivenciar os espaços de uma forma marginal.

Refletir sobre o corpo como algo fluído nos dá a liberdade para analisar arranjos espaciais com óticas diferentes da tradicional. No campo das sexualidades, tenta-se romper com a ideia do corpo atrelado ao sexo e, assim, compreender que o espaço do corpo ou o corpo no espaço não é da esfera privada, é público. Os estudos que temos até aqui sobre o corpo são escassos e estão no campo das Geografias das Sexualidades,



surgindo pela primeira vez no Brasil em 2008, com um artigo da geógrafa Joseli Maria Silva intitulado “*A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade*”.

## **METODOLOGIA**

Os caminhos metodológicos que percorremos até aqui estão pautados em levantamentos bibliográficos, pesquisas no Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e dados empíricos, pois entendemos que os mesmos nos dão suporte para a compreensão daquilo que estamos estudando.

Assim, refletir sobre o corpo gordo atrelado ao ciberespaço no campo geográfico ainda é um desafio aos/as pesquisadores/as. Como mencionamos, para Silva *et al.* (2013) os estudos sobre o corpo na Geografia ainda são muito incipientes. Quando realizamos uma busca por dois termos no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, encontramos os seguintes resultados: o termo “homens gordos” encontramos um total de 58 pesquisas, 40 dissertações e 18 teses, sendo que 95% destes estudos estão ligadas à área da saúde, com enfoque no emagrecimento, em questões de mobilidade ou na condição de saúde como problema. Quando a busca é pelo termo “corpo gordo”, encontramos 111 pesquisas, 85 dissertações e 26 teses, com enfoque na composição corporal e na obesidade. Das 111 pesquisas encontradas, apenas uma se referia a corpo gordo de homens gays, as outras o enfoque sempre estava no corpo feminino. Ainda que o corpo já seja objeto de estudo no campo geográfico, o corpo gordo até este momento não aparece nas pesquisas em Geografia.

## **PARA NÃO FINALIZAR**

Ao longo do resumo fomos pontuando a necessidade de ir ao encontro de outros campos do conhecimento para dar sustentação à discussão sobre corpo e sexualidades dissidentes. Neste sentido, não estamos propondo uma finalização e um esgotamento da temática, mas sim, um reflexão sobre a importância de estudos que visibilizem corpos, marcadores e sujeitos que historicamente foram silenciados nas Ciências Humanas, em especial, na Geografia. O levantamento no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES serve como um alerta, sobre a necessidade de dar voz e vez a estes sujeitos marginalizados no campo geográfico.

COUTO, Edvaldo de Souza. A cultura do corpo mutante. **I ENECULT**, 2005. Disponível em: [http://www.cult.ufba.br/biblioteca\\_enecult\\_2005.html](http://www.cult.ufba.br/biblioteca_enecult_2005.html) Acesso em: 11/07/2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. Negociando Visibilidades. **Bagoas**, vol.8, Natal, UFRN, 2014, pp.51-78. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/6543-16340-1-SM.pdf> Acesso em: 20/07/2022.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 14, n.3 Set/Dez, Florianópolis - SC, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000300006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000300006&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 20/07/2022.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. PRZYBYSZ, Juliana. O corpo como elemento das geografias feministas e Queer: um desafio para a análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Babtista. **Geografias malditas corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013, pp. 87 – 142.